

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

A ESCUTA PSICANALÍTICA: CONCEITOS CLÍNICOS FUNDAMENTAIS¹
THE PSYCHOANALYTIC LISTENING: FUNDAMENTAL CLINICAL
CONCEPTS

Mariane Henz², Emanuele Tamiozzo Schmidt³, Mylena Wichinheski
Marquesin⁴, Estefani Castro Lima⁵, Mariele Aline Berá⁶, Dienifer Emanuelli
Aozani⁷

¹ Pesquisa referente ao trabalho desenvolvido pela Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI.

² Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, marianehenz@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, emanuele.schmidt@hotmail.com

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, milew.marquesin@hotmail.com

⁵ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, tefi.castro@hotmail.com

⁶ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, mari.bera@hotmail.com

⁷ Aluna do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, integrante da Comissão de Pesquisa da Clínica-Escola de Psicologia da UNIJUI, di_aozani@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de estudos da Comissão de Pesquisa, que integra a prática de Estágio na Clínica-Escola de Psicologia da Unijuí. Consta de uma retomada de conceitos psicanalíticos, embasados no livro “Os outros em Lacan”, de Antonio Quinet, referentes a prática clínica, tais como: o pequeno outro, o grande Outro, o objeto *a*, o outro do laço social. Objetiva abordar acerca do valor da escuta do sujeito dentro do setting analítico, bem como, elaborar teoricamente os conceitos já citados e que compõem o fazer clínico.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho bibliográfico compreendendo leitura, discussão e sistematização da obra “Os outros em Lacan” de Antonio Quinet, bem como, de artigos relativos ao tema do valor da escuta do sujeito em processo de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Quinet, “Freud revolucionou a subjetividade ao mostrar que o eu não é senhor em sua

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

própria casa, e Lacan desfez a ilusão de totalidade, [...] mostrando que o eu é - antes de mais nada - outro. [...] Eu é que sou feito à imagem e semelhança do outro" (QUINET, 2012, p. 8). E por isso, "[...] o eu e o outro se confundem".

O autor (2012) para referir-se ao narcisismo retoma o *mito de Narciso*, que era um jovem adolescente muito belo e cobiçado, que não se sentia atraído por ninguém. Certo dia, após ver sua própria imagem refletida na água - a qual toma como sendo de outra pessoa - apaixonou-se pelo que vê, sendo que ao tentar tocar a imagem essa se desfaz, então ele percebe que esse outro imaginário se tratava de seu próprio reflexo. Assim, "o mito mostra a conjunção do amor e da morte [...]" (Ibid., p. 11), pois ao tomar sua imagem, se afoga nela e morre.

Como nos mostra o mito de Narciso, primeiramente não há unidade do corpo, sendo que este é percebido como despedaçado e fragmentado; posteriormente, a unidade do corpo é representada antecipadamente a partir da imagem do outro, ou pela imagem do espelho, sendo que ambas não se distinguem (QUINET, 2012). Deste modo, "se o Eu se constitui a partir da imagem, o Eu será uma formação basicamente imaginária" (VIVIANI, 2014, p. 59).

Essa imagem é o eu ideal, formado como imagem do outro, i(a), que dará a unidade do eu. [...] o eu é, assim, constituído por essa imagem que se corporifica [...]. Com efeito, o eu, segundo Freud, é, antes de tudo, corporal. A percepção visual do corpo é a base do imaginário e da identificação especular. A unidade do eu é imaginária (QUINET, 2012, p. 13).

O Outro molda o sujeito, portanto "o outro é o eu ideal" (QUINET, 2012, p. 17). Nesse sentido, o autor traz que os pais projetam no filho alguns significantes que dizem de seus próprios desejos - simpático, esperto, esbelto - e o filho passará a vida toda tentando se apropriar desses significantes. Assim,

esses significantes são recalcados e constituem o Ideal do eu, que é um Ideal do Outro [I(A)] [...] É por isso que o sujeito tenta se adequar aos significantes determinados pelo Outro pela via da identificação simbólica, e o eu tenta se moldar de acordo com o eu ideal, percebido como outro, através da identificação imaginária (Ibid., p. 25-26).

Para Quinet, "o grande Outro como discurso do inconsciente é um lugar" (2012, p. 20). "É um lugar simbólico, lugar dos significantes, onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age" (Ibid., p. 22). Dessa forma, pode-se dizer que "o "eu" está para o outro assim como o "sujeito" está para o Outro. O sujeito é determinado pelos significantes do Outro" (Ibid., p. 22). O Outro enquanto lugar dos significantes é inconsciente, portanto, inacessível, sendo manifesto apenas num processo de análise ou então através de sonhos, chistes, sintomas, lapsos. "É no retorno do recalcado [...] que o sujeito experimenta essa alteridade que nele se presentifica" (Ibid., p. 24).

Primeiramente a função materna ocupa o lugar reservado ao Outro - Outro Primordial, nessa

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

relação, a criança ocupa o lugar de objeto no desejo da mãe, “[...] não há diferença entre ela e o seio que chupa: ela é o seio que chupa” (VIVIANI, 2014, p. 60). Posteriormente “no Édipo a identificação primária é com o objeto. Para ela ter o objeto, precisa perdê-lo. O ter vai na contramão do ser. Se tenho o objeto, então não o sou” (Ibid., p. 60).

[...] Para que o indivíduo possa apropriar-se dos significantes e exercer uma função de sujeito na ordem simbólica é preciso haver a inclusão da Lei - o Nome-do-Pai - no Outro” (QUINET, 2012, p. 28). Essa Lei impossibilita a mãe de colocar a criança como sendo seu objeto de desejo, pois mãe e criança estão submetidas a uma lei maior que as ultrapassa, “fundando o desejo e o sujeito” (VIVIANI, 2014, p. 63).

Por isso, “Lacan resume o complexo de Édipo em uma operação de linguagem: a metáfora paterna em que o Nome-do-Pai (NP) se substitui ao Desejo da Mãe (DM) com o qual a criança se identifica como sendo seu objeto de gozo” (Ibid., p. 28). Com efeito, “[...] o Outro, como lugar dos significantes, se torna o Outro como lugar da Lei. Essa operação tem como resultado a instauração de uma falta, que Freud chamou de castração [...]” (Ibid., p. 29), ou seja, “o Outro, na verdade, é barrado (\bar{A})” (Ibid., p. 30). “[...] O sujeito é falta-a-ser porque falta um significante que o defina. Eis o princípio da desalienação. O sujeito é representado, mas não é um elemento do Outro. O lugar do sujeito é o furo do Outro” (Ibid., p. 31).

Conforme Quinet (2012) a existência da falta no Outro do simbólico, possibilita a surgimento do desejo, correspondente a falta oriunda da castração. “O seu semelhante, pequeno outro, que ocupa para você o lugar do grande Outro do amor, ao se tornar seu objeto sexual é reduzido a objeto *a*” (Ibid., p. 32). Segundo Lacan, “[...] o objeto *a*, causa de desejo” (Ibid., p. 32, grifo do autor). “[...] Qualquer objeto deste mundo que satisfaça a pulsão e cause o desejo ou provoque a angústia pode fazer função de objeto *a*. [...] Ele não é nem simbólico nem imaginário. É da ordem do real” (Ibid., p. 32-33), “[...] seu status é do registro do real como objeto condensador de gozo” (Ibid., p. 33). “O objeto *a* é aquilo atrás do qual passamos a vida correndo” (Ibid., p.34).

A sociedade é formada por vários outros, que compõem o laço social, sendo que “[...] não há subjetividade que se organize fora do laço social, posto que os discursos não são senão o fato de ser a subjetividade articulada no laço social ao mesmo tempo em que ela o articula” (LACAN, 1978 apud MELMAN, 1992, p. 42). Segundo Quinet “[...] Lacan denomina os laços sociais de *discursos*” (2012, p. 48, grifo do autor), sendo eles: discurso do mestre; discurso do universitário; discurso da histórica; discurso do analista; discurso do capitalista.

Dentre estes discursos, destacamos o discurso do analista (DA), o qual “[...] é o único laço em que se desvela que o poder é do próprio significante, que aí está como um significante-mestre “desencarnado” que comanda as identificações do sujeito” (QUINET, 2012, p. 51). Também, o “[...] discurso do analista é o saber que sustenta o ato analítico, ou seja, aquele que o analista adquiriu e elaborou a partir de sua experiência analítica, da prática textual e do caso que está conduzindo” (Ibid., p. 52). O discurso do analista dá lugar a fala do sujeito, possibilitando a emergência do desejo e da livre associação. “No DA, trata-se do objeto que causa o desejo, objeto da fantasia cujo

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

semblante é sustentado pelo analista” (Ibid., p. 53), ou seja, no discurso do analista é este quem é objeto, sendo o sujeito – sujeito do seu próprio discurso. Com efeito, “*o discurso do analista, DA, é o único laço social que trata o outro como um sujeito*” (Ibid., p. 54, grifo do autor).

No setting analítico tomamos o pagamento como sustentáculo da escuta, pois “[...] o dinheiro, o que é que paga? Paga uma escuta sustentada a partir de uma posição, a posição de semblante de objeto *a* (aparência, simulacro do objeto causa do desejo). Posição incalculável sob o aspecto de quantia” (VIVIANI, 2014, p. 63). Então, em transferência, o analista ocupa essa posição de semblante para que o analisante possa projetar nele o lugar de Outro, sendo que nessa relação, o analisante se coloca enquanto significante de objeto – falo – permitindo ao Outro gozar. “O analisante, na situação analítica, tenta restabelecer uma totalidade imaginária onde espera reproduzir uma proposta de gozo (impossível)” (Ibid., p. 63). Portanto, “[...] trata-se de uma troca de dinheiro por uma escuta a partir da posição de semblante” (Ibid., p. 64). Nesse sentido, “sabemos que o caminho mais simples seria estabelecer um preço por tempo de trabalho que valesse para todos os analisantes por igual, mas todos os analisantes são diferentes” (Ibid., p. 64).

Podemos acrescentar, por outra parte, o que Lacan dizia: que o analista também paga, com sua pessoa sendo o suporte da transferência e com suas palavras quando se dimensionam em interpretação. Não é demais dizer que o silêncio do analista também conta, ou, melhor dizendo, entra na conta (VIVIANI, 2014, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos com o presente trabalho a importância da escuta analítica. Entender o discurso do analista, como o único que possibilita ao sujeito existir verdadeiramente a partir do seu próprio desejo, nos dá indícios da seriedade do nosso trabalho enquanto terapeutas. A compreensão dos conceitos teóricos, que se apresentam na prática a partir dos sintomas, se mostra essencial, para podermos enquanto analistas, sustentar o lugar de semblante e também de suposto saber, que somos convocados a ocupar em processo de análise. Contudo, sabemos que esses conceitos não se encerram e, merecem sempre novas reflexões.

Palavras-chave: Psicanálise; Análise; Outro.

Keywords: Psychoanalysis; Analyze; Other.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor Dr. Gustavo Héctor Brun, coordenador da Clínica-Escola de Psicologia da Unijuí, pelas correções, apontamentos e auxílios no decorrer da escrita deste trabalho.

Bioeconomia:
DIVERSIDADE E RIQUEZA PARA O
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SALÃO DO UNIJUI 2019
CONHECIMENTO

21 a 24 de outubro de 2019

XXVII Seminário de Iniciação Científica
XXIV Jornada de Pesquisa
XX Jornada de Extensão
IX Seminário de Inovação e Tecnologia

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica

REFERÊNCIAS

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania**: uma outra forma de gozar. 1. ed. São Paulo, Escuta, 1992, 159 p.

VIVIANI, Alejandro L. Considerações sobre o dinheiro na psicanálise. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 37, n. 58, p. 59-69, jul. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2019.